

Lucia Maria Pinheiro Lobato – a cientista em busca da arquitetura da Faculdade da Linguagem (1942–2005)

Eloisa Pilati

Este capítulo é uma homenagem à grande linguista, professora e pesquisadora Lucia Lobato, professora titular da Universidade de Brasília, que nos deixou precocemente em 2005. Como forma de manter vivo seu estilo único de fazer linguística e aspectos importantes de seu pensamento e do legado de sua obra, os parágrafos a seguir contam um pouco de sua trajetória acadêmica, seus valores na pesquisa e algumas de suas contribuições relevantes para os estudos linguísticos no país.

Lucia Lobato realizou sua graduação em Licenciatura Português-Francês na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Em seguida, por meio de uma bolsa financiada pelo governo francês, deu continuidade aos seus estudos numa especialização em literatura francesa na Universidade de Nancy (1967). Por indicação de uma professora da UFES, colocou também linguística em seu plano de estudos. Apesar de seus estudos iniciais terem sido no campo da literatura, Lobato logo percebeu que seu interesse maior estava no campo da linguística e optou por se dedicar exclusivamente aos estudos linguísticos. Permanecendo na França por mais quatro anos e cinco meses, defendeu seu doutorado em linguística na Universidade de Paris III (1971) sob a orientação de Bernard Pottier. Em sua tese, denominada *L'Auxiliarité en Langue Portugaise*, Lobato se dedicou a investigar a sintaxe dos verbos auxiliares em

português.

Ao voltar para o Brasil, Lobato logo se tornou professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no período de 1971 a 1977. Logo depois, tornou-se professora da Universidade de Brasília de 1977 a 2005, onde chegou ao cargo de Professora Titular em 1989. Mesmo após o doutorado, Lobato continuou seus estudos, realizando quatro estágios pós-doutorais fora do Brasil: na Universidade de Paris VIII, em 1982, na Universidade da Califórnia, em 1987, e por duas vezes, no Massachusetts Institute of Technology, nos anos de 1991 e 1995.

Lobato participava de diversas organizações de pesquisa linguística no Brasil. No período de 2003 a 2005, foi presidente da Associação Brasileira de Linguística, Abralín.⁴² Durante sua trajetória acadêmica, a professora Lucia Lobato orientou vinte e oito dissertações de mestrado e três teses de doutorado, ministrou diversas palestras e publicou várias obras.

A eminente linguista foi uma das precursoras da Teoria Gerativa no Brasil, apesar de sua iniciação no campo da teoria gerativa ter se dado, de forma mais sistemática, quando a professora iniciou suas atividades na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Responsável por realizações notáveis nessa área, Lobato publicou uma obra seminal para os estudos gerativistas no Brasil *Sintaxe Gerativa do Português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação*, em 1986, e o *Manual do professor*, vinculado à mesma obra, em 1988. Ambas as publicações foram editadas pela Editora Vigília, de Belo Horizonte, e foram, por muitos anos, materiais de consulta entre os mais importantes para os interessados na área da biolinguística no Brasil. Nessas duas publicações, Lobato apresentou para toda uma geração de linguistas brasileiros reflexões profundas

42 Para mais detalhes sobre a atuação da professora Lucia na Abralín, ver Bortnoni-Ricardo *et al.* 2015.

sobre a história das gramáticas, sobre o estatuto da linguística como ciência e sobre os pressupostos da Teoria Gerativa, que, naquele momento, passava por modificações substanciais.

Em 1996, Lobato organizou a primeira vinda do professor Noam Chomsky ao Brasil. O influente linguista, que também realizou palestras em outras universidades brasileiras, visitou a Capital Federal nos dias 25 e 26 de novembro de 1996 e realizou duas palestras sobre linguística, e outras sobre questões políticas. O registro da palestra do professor Noam Chomsky foi posteriormente traduzido por Lobato e publicado pela Editora da UnB, em 1998, sob o título *Linguagem e Mente: Pensamentos Atuais sobre Antigos Problemas*.

O breve resumo da trajetória acadêmica e intelectual apresentado acima busca evidenciar o reconhecimento internacional da pesquisadora e seu papel como intelectual que realizava pesquisa de ponta, com relevância internacional, em um país em desenvolvimento. No prefácio de *Construção das palavras e arquitetura da Faculdade da Linguagem* (2013), uma obra que reúne publicações de Lobato, as organizadoras da obra, suas ex-alunas, afirmam que se destacavam, no trabalho de Lobato, “o rigor científico e a originalidade das ideias – sempre com base em uma concepção inatista da gramática”.

Lobato tinha plena noção da importância de sua atuação para a área e, por meio de seu trabalho sério e comprometido, que incluía muitas horas de estudo, contato com pesquisadores de várias universidades internacionais, orientações e publicações, contribuiu para a consolidação dos estudos gerativistas no Brasil. Em sua atuação, valorizava a formação de pesquisadores e, por meio das suas publicações pioneiras, buscou dar suporte para que uma nova área da linguística pudesse florescer e se sustentar no Brasil, dentro dos padrões mais altos de exigência acadêmica.

Durante sua trajetória acadêmica, Lobato dedicou-se a

diversos temas de forma rigorosa, profunda e crítica. Entre eles, podem-se citar: a sintaxe dos verbos auxiliares, a origem do português brasileiro, as construções resultativas, a referencialidade, questões de caso e concordância, o comportamento de adjetivos e advérbios em português, o ensino de línguas, entre outros (cf. Lobato 1994, 2000, 2001, 2006...).

Como dito anteriormente, Lobato também se preocupava com a contribuição que a linguística poderia dar ao ensino de língua portuguesa no Brasil. A professora Stella Maris Bortoni-Ricardo (2007) nos conta que essa era uma das preocupações de Lobato, durante os anos em que ocupou a presidência da Abralín. Nas palavras de Bortoni-Ricardo, Lobato “coordenou a participação da Associação na série das reuniões regionais da SBPC voltadas ao diálogo com professores do ensino fundamental e médio”.

Uma contribuição fundamental nessa área foi publicada na obra *Linguística e ensino de línguas* (2015). Essa obra, que reúne palestras da professora, realizadas em 1976 e em 2003, tem iluminado diversas pesquisas atuais sobre o tema. Para ilustrar, com textos da própria autora, o rigor empregado em sua pesquisa, vale a pena ler os trechos abaixo. No primeiro excerto, em uma palestra feita em 2003, no auge das discussões sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, que faziam duras críticas ao ensino de gramática nos moldes tradicionais, Lobato defende “uma renovação” no ensino de gramática, mas não a eliminação da gramática da educação básica. Entre os argumentos apresentados pela autora para a manutenção dos estudos gramaticais na educação básica, estão os seguintes (2015 [2003], p. 25):

A primeira razão é o fato de ao texto e às atividades discursivas em geral subjazer a mesma gramática abstrata que subjaz às palavras, aos sintagmas, às orações e às frases. Não pode ser diferente, pois, se assim o fosse, a mente humana estaria operando de modo antieconômico, com princípios de tipo diferente para domínios

diferentes do mesmo objeto. O natural é considerar que, para o mesmo objeto, são usados os mesmos princípios abstratos. No texto, são usados princípios que extrapolam o limite da sentença, mas, certamente, não são de natureza diferente dos princípios do limite da sentença. A diferença, a meu ver, está nas unidades com que a gramática opera num e noutro domínio, e não na natureza dos princípios.

Em segundo lugar, considero que não se deve abandonar totalmente o material gramatical porque a explicitação dos mecanismos de que as línguas fazem uso e de seu efeito semântico ajuda o aluno a ganhar tempo no seu processo de domínio das técnicas do texto e das atividades discursivas em geral. A escrita, por exemplo, tem características muito peculiares, e aceita estruturas complexas muito mais facilmente do que a fala, por estar livre das limitações de memória que caracterizam o discurso oral. Não vejo como seria possível ter um ensino produtivo sem explicitação de mecanismos estruturais.

A terceira razão é que, se usado adequadamente o método proposto – uso do procedimento de descoberta, da metodologia de eliciação e da técnica dos resultados –, o aluno vai chegar por si próprio à conclusão de que existe uma faculdade de linguagem e de que ele próprio tem uma gramática interna, biológica. A visão de língua do aluno certamente mudará. Além disso, o ensino estará contribuindo para que cada aluno conheça um pouco mais da natureza humana.

A argumentação da autora revela as características de seus valores no fazer científico: a primeira delas é o rigor acadêmico. Com base em seu conhecimento profundo sobre a natureza das línguas humanas e sobre o lugar da gramática nesses saberes, Lobato explica, de forma clara e objetiva, porque a gramática deve ser mantida na educação básica, discute lucidamente as relações entre fala e escrita e ainda delinea uma proposta metodológica para a gramática em sala de aula. A proposta de Lobato, como não poderia deixar de ser, busca soluções e alternativas ao problema do ensino de gramática no país, e destaca a importância de se valorizar todo o saber dos falantes de uma dada língua.

Para a pesquisadora, uma contribuição fundamental que a

Teoria Gerativa poderia dar ao ensino de línguas estava relacionada ao conhecimento da Faculdade da Linguagem:

É evidente que acho que essa difusão do conceito de gramática biológica e essa mudança de conteúdo programático são necessárias. Acho, mais ainda, que cabe à Universidade formar o novo professor de língua, um professor capaz de incorporar nas suas aulas os novos conhecimentos da linguística teórica. Esse é o nosso grande desafio: formar professores capazes de renovar o ensino de língua, à luz da teoria gramatical moderna. Isso significa que temos de redirecionar, também na Universidade, o modo como damos aula de língua materna. Nessa tarefa, a meu ver, na Universidade terá de haver um trabalho conjunto entre os docentes de linguística e docentes de língua, para não haver duplicidade de conteúdo.

Qualquer que seja a partição de tarefas, certos fenômenos têm de ser estudados e difundidos sistematicamente. Cito alguns deles. É preciso, antes de tudo, que os nossos alunos aprendam a fazer demonstrações empíricas de que existe a faculdade de linguagem. Qualquer fenômeno linguístico pode servir de tema para a demonstração. Pode-se escolher uma classe de palavras (substantivos, por exemplo), ou uma forma verbal (imperativo, por exemplo), ou um fenômeno morfossintático (concordância, por exemplo), ou uma construção sintática (interrogativas com uso de pronome interrogativo, por exemplo). Qualquer fenômeno serve, porque para qualquer um existem exceções, e as exceções podem ser usadas na construção de uma argumentação com base na pobreza do estímulo: como a criança chega a dominar o uso do fenômeno em questão, apesar das exceções, se não houve ensino a respeito? Nesse tipo de argumentação, a conclusão inevitável é que existe uma faculdade de linguagem guiando a geração de expressões linguísticas. Isso porque, caso a criança adquirisse a língua por imitação ou analogia, não conseguiria evitar a geração dos casos de construção agramatical que têm relação analógica com os casos gramaticais. (Lobato, 2015 [2003], p. 22)

Essa proposta de Lobato ainda não foi incorporada de forma efetiva na educação brasileira, mas é possível afirmar que é uma proposta fundamental para uma “renovação no ensino de gramática”,

para usar o termo da própria autora. Hoje, quase 18 anos depois de lançada, a proposta continua a influenciar gerações de linguistas, é cada dia mais abraçada por professores de diversas universidades brasileiras.

Voltando para a temática da reconhecida independência intelectual de Lobato, vale remeter a uma entrevista concedida aos pesquisadores Carlos Miotto e Roberta Pires de Oliveira e publicada na *Revista Fórum Linguístico* em 2000, em que a pesquisadora explicitava sua postura teórica na área do gerativismo. Lobato afirmava que trabalhava com “ideias fundamentais da proposta gerativista, mas com independência em relação ao aparato teórico.”

Ainda nessa entrevista, afirmava que sua pesquisa era baseada no pressuposto de que “há uma estrutura mental inata, que é a base para a formação de estruturas nas línguas” e que toda sua pesquisa tinha “o objetivo de chegar a algum esclarecimento a respeito do que seja essa estrutura mental inata” (Lobato, 2000, p. 138). Talvez um dos temas fundamentais que a pesquisa de Lobato tenha investigado estivesse relacionado à relação entre forma e substância nas línguas naturais. Em suas palavras, afirmava que pretendia captar a intuição do estruturalismo, que considerava “uma das grandes intuições do século XX, de a língua ser forma e não substância e defender a ideia de haver isomorfismo entre conteúdo e expressão dentro da faculdade de linguagem, uma ideia controversa e que suscitou muito debate na época do estruturalismo, mas que considero perfeitamente defensável.” (Lobato, 2000, p. 135).

Ainda nessa entrevista, ao ser questionada sobre as críticas recebidas pela Teoria Gerativa em relação às constantes mudanças no modelo, para manter o poder heurístico da teoria e, ao mesmo tempo, explicar os dados linguísticos, Lobato afirma:

A questão toda é se chegar a uma teoria que tenha ao mesmo tempo poder descritivo e poder explicativo. A teoria muda na medida em que abandona certas hipóteses e acrescenta outras. E a mudança

sempre se baseia na descrição de dados empíricos. A respeito do desenvolvimento da teoria, só gostaria de acrescentar que há certos fatos que sempre me impressionaram. Um deles é a capacidade de manter certos problemas fechados dentro de uma gaveta, à espera de um melhor entendimento das questões, ao mesmo tempo em que se atacam outros, para os quais as respostas parecem estar mais à vista. Um outro é a intrepidez, o destemor, ao se propor hipóteses e se fazer generalizações. Esse aspecto da teoria foi muito criticado e já se fez muita piada a respeito. A crítica era de que as hipóteses e as generalizações deixavam de lado muitos dados de diferentes línguas. Mas foi essa coragem de propor hipóteses e fazer generalizações com base em certos dados disponíveis, com o grande risco de se estar incorrendo em erro, essa coragem de se expor à crítica, que permitiu o avanço da teoria. (Lobato, 2000. p. 143-144)

Esse trecho da entrevista ilustra bem o espírito independente e a compreensão de ciência de Lobato. Também retrata seu pensamento em relação à teoria. Em um período em que a Teoria Gerativa era bastante criticada por estar sujeita a constantes mudanças e por apresentar lacunas em determinadas áreas, Lobato afirma que era justamente esse tipo de desafio que a “impressionava”. De um lado, a autora percebia os limites e as lacunas do fazer científico e entendia que, para as questões sem resposta, era possível “manter certos problemas fechados dentro de uma gaveta, à espera de um melhor entendimento das questões”. Por outro lado, também estava sob a mira da pesquisadora a importância da “intrepidez” e do “destemor”, para propor hipóteses e fazer generalizações. Elementos necessários para o avanço da ciência.

Em seu fazer científico, Lucia também demonstrava um profundo respeito aos dados. Para a autora a explicitação em qualquer impasse entre dados e teoria, os dados deviam estar em primeiro lugar. Amparada na Teoria Gerativa, em que a introspecção e a intuição do falante são consideradas ferramentas de análise e de postulação teórica, ensinava a seus estudantes que nenhuma

hipótese ou análise teórica poderia estar acima dos dados. A professora dizia seguir os ensinamentos de Ken Halle, um grande linguista do MIT e seu amigo, que afirmava sempre: “Deixem que os dados mostrem a teoria.”

Lobato seguia rigorosamente este princípio e ensinava seus alunos a respeitarem os dados, deixá-los falarem e revelarem a melhor análise. Com isso, frisava que era conjunto de dados e seu comportamento na língua que guiariam a análise e a explicação do fenômeno e nunca o contrário. A esse respeito, Lobato explicou como encarava esse dilema: “O difícil é que, de qualquer modo, é preciso acompanhar a evolução da teoria. Manter um olho na teoria e outro nos dados empíricos, e conseguir fazer propostas alternativas no caso de os dados não serem explicados pela teoria, esse é o desafio.” (Lobato 2000, p. 142).

Para manter-se fiel à intuição e aos julgamentos dos falantes sobre os dados, buscando, ao mesmo tempo, apresentar as melhores descrições dos fenômenos, Lucia frequentemente consultava seus filhos, colegas e alunos sobre suas percepções sobre os fenômenos que estava investigando. Devido a isso, em muitos artigos, há agradecimentos a todos que ela consultava durante a elaboração de seus argumentos.

Outra característica do fazer científico de Lobato, era sua capacidade de diálogo com outras áreas da linguística brasileira, além da teoria gerativa. Em seu último trabalho, cujo texto já estava pronto para ser apresentado em um Congresso da Anpoll, a realizar-se em novembro de 2005, esse diálogo fica bem evidente. Em seu artigo intitulado *Sobre a questão da influência ameríndia na formação do Português do Brasil*, publicado em 2006, a pesquisadora estava defendendo sua hipótese sobre a formação da gramática do português do Brasil. Para ela, “a gramática do português do Brasil resultou da situação de contato linguístico do período colonial, quando o português foi adquirido por grande parte da população

adulta do país como segunda língua, e isso teria levado ao uso de traços extensionais para a derivação sintática” (p. 37).⁴³ Para desenvolver sua análise, Lobato discute contribuições de autores funcionalistas como Aryon Rodrigues (1996), afirmando que “a leitura desse excelente estudo é essencial para uma compreensão dos fatos relativos a essas línguas”, e Marta Scherre e Anthony Naro (2003), além das contribuições de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2000 e 2003), entre outros.

Levando a hipótese da Faculdade da Linguagem às últimas consequências na análise, a autora defende a importância de se levar a perspectiva inatista para a análise:

Quero ressaltar aqui a importância do fator interno nesse processo de mudança, causado pela aprendizagem como segunda língua em idade adulta. A apresentação de um fator interno é o que falta às demais abordagens que têm sido feitas da questão. O ponto crucial da explicação, como a vejo, é que, para a população adulta aloglota, a aprendizagem da língua não se faz, como já dito, a partir da aprendizagem de palavras e em seguida de frases. Ao contrário, a aprendizagem se faz a partir de frases. Um fato importante que procurei demonstrar é a relevância da informação lexical para a derivação sintática, no português europeu.

Deixando os dados falarem por si, Lobato busca evidenciar sua proposta por meio da análise dos seguintes exemplos:

Um fato importante que procurei demonstrar é a relevância da informação lexical para a derivação sintática, no português europeu. O dado ilustrado foi o da projeção de sujeito e objeto na estrutura oracional. Outro dado é o da importância da estrutura lexical para a colocação dos pronomes. Martins (1992) aponta que o

43 A explicação de Lobato para o que em sua nota de rodapé número 8: “Estou usando a distinção entre extensão e intensão, comum em semântica: a extensão diz respeito à aplicação do item e a intensão, a seu sentido. Como as categorias gramaticais, na sua definição nocional, dizem respeito à aplicação dos itens (por exemplo, nomes se referem a entidades, verbos a eventos), estou considerando que são de tipo extensional. Por sua vez, tomo os traços temáticos como intensionais porque estão intimamente ligados à própria definição conceitual dos predicados (por exemplo, comer é ação de mastigação e deglutição de agente sobre tema). (Lobato 2006, p.41)

sujeito que é relevante para forçar a ênclise no português europeu contemporâneo não é do tipo quantificacional. Ela ilustra essa afirmação com o seguinte par:

(16) a. Muitos amigos meus queixaram-se às autoridades.

b. Muitos amigos meus se queixaram às autoridades.

Essas duas sentenças, ambas gramaticais, têm interpretação semântica diferente. (16a) “é verdadeira se um grande número de pessoas que são meus amigos se queixaram às autoridades.” Mas (16b) “é verdadeira somente se uma grande proporção dos meus amigos se queixou às autoridades. O número de amigos que eu tenho é irrelevante para avaliar a verdade de (16a), mas indispensável para avaliar a verdade de (16b). Só (16b) tem a leitura proporcional característica dos quantificadores.

(16') a. Muitos amigos meus queixaram-se às autoridades. PE = um grande número de pessoas que são meus amigos se queixaram (Leitura Referencial)

b. Muitos amigos meus se queixaram às autoridades. PE = uma grande proporção dos meus amigos se queixou (Leitura Quantificacional)

A evidência é que, como ilustrado em (17), uma relativa não restritiva pode qualificar o sujeito na oração com ênclise, mas não na oração com próclise. Isso se deve ao fato de as relativas não restritivas exigirem um antecedente referencial:

(17) a. Muitos amigos meus, que são antropólogos, queixaram-se às autoridades.

b. *Muitos amigos meus, que são antropólogos, se queixaram às autoridades.

Dado o caráter lexical das condições para a colocação pronominal no português europeu, e pressupondo que havia influência lexical também na colocação pronominal no português clássico, não havia, para a população de adultos aloglotas do Brasil Colônia, como adquirir informação sobre colocação pronominal.

Essa proposta de Lobato traz para o debate uma abordagem totalmente original para a questão e ainda merece estudos adicionais. Para os objetivos dessa homenagem, a proposta ilustra um pouco das qualidades científicas da pesquisadora e de seu modo de fazer ciência.

No processo de orientação, Lobato buscava acompanhar de

perto do progresso de seus estudantes, nos ensinava a estudar continuamente, a pesquisar com rigor, a exercitar continuamente nosso pensamento crítico e a conviver intelectualmente. Como não poderiadeixar deser,eraumaorientadorapresenteeintelectualmente exigente. Fazia calendários, cronogramas, organizava seminários com especialistas nos temas em investigação, nos auxiliava na busca de referências e, principalmente, sempre nos instigava a enxergar, além da superfície dos dados, usando a lupa da teoria, de forma profunda e ao mesmo tempo crítica. Lucia nos orientava a participar de aulas, cursos e seminários em diversas as áreas da linguística, nos incentivava a ouvir novas ideias e propostas e dizia sempre que, “antes de sermos gerativistas, éramos linguistas”, e por isso devíamos nos ter olhos e ouvidos atentos para outras análises e propostas, sempre sob uma perspectiva crítica.

Como sua aluna por cinco anos, dois anos no mestrado e três anos no doutorado, pude aprender muito com essa mestra genial e exemplar. Mais do que com palavras, um grande mestre nos ensina com sua postura e com suas ações cotidianas. Lobato me ensinou muito sobre a Teoria Gerativa e sobre seus valores como intelectual, cientista, pesquisadora. Os valores e princípios externalizados por Lobato em suas publicações e na entrevista acima eram colocados em prática no cotidiano da sala de aula e na orientação de seus estudantes. Era comum em suas aulas a construção de uma argumentação a favor da Faculdade da Linguagem, a investigação e o debate sobre os dados e a discussão sistemática das publicações mais recentes, em todas as linhas de pesquisa da Teoria Gerativa.

Vanguarda na pesquisa, independência intelectual, ética, respeito aos trabalhos prévios, rigor no tratamento dos dados, excelência na produção acadêmica e preocupação com a formação de novos pesquisadores e professores. Essas qualidades sintetizam o percurso de Lucia Lobato na linguística brasileira. Em 2005, Lobato partiu precocemente. Sua morte foi uma perda inestimável para

seus filhos, Leandro e Tiago, familiares, alunos e amigos. Deixou também uma lacuna significativa na linguística brasileira, que tinha em Lobato uma de suas principais líderes e referências.

Apesar de ter um percurso acadêmico produtivo e extremamente relevante, influenciando gerações, a sensação que fica é a de que Lucia tinha ainda muito a ensinar e muito por fazer. Como uma forma de preservar sua memória, foi criada na Editora Universidade de Brasília, a coleção Lucia Lobato, que reúne algumas obras inéditas ou dispersas da autora, além de outras publicações relacionadas aos seus temas de pesquisa.

Enfim, posso afirmar que foi uma experiência única, inesquecível e muito formativa ter tido a oportunidade de conviver com Lobato nesses cinco anos. Minha admiração pela mulher e profissional que ela foi se mantêm, juntamente com as saudades da minha eterna mestra. Essa singela homenagem busca destacar as contribuições de Lucia Lobato para a área e seu modo de fazer linguística, a fim de manter viva a sua memória e seu legado. Registro também meus sinceros agradecimentos pela oportunidade de aprender com essa grande mulher, e convido os colegas a lerem as publicações dessa pesquisadora brasileira, rigorosa, independente, que até hoje tem muito a nos ensinar.

Agradeço à Professora Heloisa Lima-Salles pela leitura de uma versão prévia desse capítulo e também pela sua amizade, generosidade e apoio, como professora da Universidade de Brasília, para a conclusão de meu doutorado, justamente após a partida de nossa querida mestra.

Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. *Compreensão de Leitura: da palavra ao texto*. In: *Palavra: forma e sentido*. GUIMARÃES, E; MOLLICA, C. (org). Campinas/SP: Mercado

de Letras, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. *et al.* 2003/2005. Lucia Maria Pinheiro Lobato, In OLIVEIRA JR., M. (Org.) **50 anos de Abralín: memórias e perspectivas**. Pontes editores, 2015

LOBATO, L. M. P. (Org.) **A Semântica na Linguística Moderna: O Léxico**. RIO DE JANEIRO: FRANCISCO ALVES, 1977.

LOBATO, L. M. P. **Sintaxe Gerativa do Português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação**. BELO HORIZONTE: VIGILIA, 1986.

LOBATO, L. M. P. **Sintaxe Gerativa do Português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação**. Manual do Professor. BELO HORIZONTE: VIGILIA, 1988.

LOBATO, L. M. P. A relação Caso/Concordância: evidências extraídas da análise dos adjetivos em português e inglês. In: **45ª Reunião Anual da SBPC**, 1994, Recife. Boletim da Abralín, 1943. v. 15. p. 161-17

LOBATO, L. M. P. A que se devem as diferenças sintáticas entre o português do Brasil e o português europeu? In: **Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil**, 2000, Évora. Anais do Congresso Internacional 500 anos da língua portuguesa no Brasil., 2000.

LOBATO, L. M. P. **Linguagem e Mente: Pensamentos Atuais sobre Antigos Problemas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998 (Organização, tradução, índice temático e prefácio).

LOBATO, L. M. P. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, n. 2 (129-148), out-dez. 2000.

LOBATO, L. M. P. Sobre a questão da influência ameríndia na formação do Português do Brasil. **Revista de Estudos Da Linguagem**, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 11-47, dec. 2006. ISSN 2237-2083.<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/8382>>. Date accessed: 01 sep. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.14.2.11-47>.

LOBATO, L. M. P. Sobre as origens do português do Brasil. In: 53ª Reunião Anual da SBPC, 2001, Salvador. **Boletim da ABRALIN**, 2001. v. 26.

LOBATO, L. M. P. **Construção das palavras e arquitetura da Faculdade da Linguagem**. Brasília: Editora UnB, 2013.

LOBATO, L. M. P. **Linguística e Ensino de Línguas**. Brasília: Editora UnB, 2015.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Uma interpretação para a generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. **Gragoatá**. 9 (2): p. 11-27, 2000.

RODRIGUES, Aryon D. (1986). **Línguas Brasileiras**. São Paulo, Loyola.

SCHERRE, M. Marta P.; NARO, Anthony J. **Sobre as origens estruturais do português brasileiro: o garimpo continua**. Brasília, 2003. Manuscrito de palestra feita na UnB.

